

O PENSAMENTO NAVAL E A REVISTA MARÍTIMA BRASILEIRA

ELCIO DE SÁ FREITAS*
Vice-Almirante (Ref^l-EN)

Marinhas de guerra se constroem, operam e mantêm-se com pensamentos e ações que interagem constantemente. Consultando arquivos, encontrei uma carta escrita há cinco anos, mas que talvez ainda seja útil à evolução do pensamento naval nacional. Ela ressalta a importância da *Revista Marítima Brasileira (RMB)* como um dos principais instrumentos para essa evolução. Eis a carta:

Rio de Janeiro, 17 de fevereiro de 2011.

Caro Bittencourt**,

Há muito não nos vemos. Pensei em visitá-lo na DPHDM. Porém o que tenho a dizer melhor fica numa carta, pois são reflexões.

Regularmente recebo a *RMB*. Seu conteúdo constantemente melhora e se amplia. Os assuntos abordados tanto são históricos como atuais. Militares e também civis nela escrevem. Entre os militares, contam-se oficiais da ativa e da reserva, de diversos corpos e postos.

Na parte essencialmente naval da *RMB*, predominam estratégia e operações. Mas nota-se quase total ausência de artigos sobre material e engenharia, mormente os que analisem o passado e tentem iluminar o presente e o futuro. Esses, pragmaticamente, são os mais valiosos, principalmente na fase em que o Brasil está. Eles é que podem ligar políticas e estratégias com

* Serviu na Diretoria de Engenharia Naval de dezembro de 1981 a agosto de 1990, tendo sido seu diretor de abril de 1985 a agosto de 1990. Colaborador frequente da *RMB*. Autor do livro *A Busca de Grandeza*.

** Vice-Almirante (Ref^l-EN) Armando de Senna Bittencourt, diretor da Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha.

os meios necessários e as possibilidades reais. Faltando tais artigos, faltam autores engenheiros, quase ausentes.

Ao contrário dos colegas de outros corpos e quadros, parece que engenheiros pensam não ser útil formular e expressar ideias que contribuam para os grandes rumos da Marinha. Acostumaram-se a trabalhar bem, mas em silêncio, e nada mais. Eu mesmo agi dessa forma. Assim, o pensamento naval brasileiro evolui, mas sempre carente do que mais precisa num mundo cada vez mais tecnológico.

Sem engenharia não há desenvolvimento. Sem engenharia nenhum país se engrandece e nenhum poder naval se impõe. Este fato é pouco percebido entre nós. Quando percebido, logo é esquecido ou descartado. Reverter esta má percepção é alterar um pensamento coletivo. É uma luta longa e indispensável na esfera do pensamento. Mas como travar esta luta sem a participação dialética de engenheiros?

Não só engenheiros podem dissertar bem sobre material e engenharia, mas são eles que têm a preparação e a vivência para melhor fazê-lo. E como esse tema raramente ocorre em nossas publicações civis e militares, cabe a engenheiros introduzi-lo e atrair a atenção de outras mentes que a ele também se aplicarão.

O que acabei de dizer sobre a *RMB* também ocorre em outras publicações civis e militares que tratam de defesa.

A *RMB* é o mais importante veículo de que a Marinha dispõe para incursões

no campo das ideias. Ela pode lentamente instilar boas ideias em militares e civis. Nossos demais veículos cumprem missões mais restritas ou superficiais. Portanto, é importante que engenheiros e artigos sobre material e engenharia na Marinha tenham maior peso na *RMB*. Como sempre, o mais difícil é iniciar. E tendo iniciado, convém não parar.

Como sabe, as reflexões que alinho acima só começaram a surgir no meu último ano de serviço ativo. Olhei para trás e vi que nada deixara registrado para o pensamento

naval. Tentei redimir-me redigindo um documento, “Material na Marinha”. Recebi alguns comentários favoráveis, mas não houve consequências. Foi um primeiro e único tiro numa batalha que nem se iniciou.

Na Reserva, por alguns anos deixei o assunto em estado latente. Depois, lendo o livro de memórias do Almirante Regis Bittencourt, compreendi claramente que em toda a história técnica da Marinha pouco mais fizemos que repetir ciclos de atraso crônicos. Cada ciclo tem as

características essenciais dos anteriores, com modificações secundárias que o situa em sua época.

Tirante o livro do Almirante Regis, nossa história técnica quase não tem registros, pois predominam os de ordem administrativa. Refiro-me a registros que não sejam simplesmente narrativos, incapazes de induzir ações úteis.

A tendência a repetir ciclos de atraso crônicos é poderosa. É realmente difícil

Sem engenharia não há desenvolvimento. Sem engenharia nenhum país se engrandece e nenhum poder naval se impõe

A *RMB* é o mais importante veículo de que a Marinha dispõe para incursões no campo das ideias

perceber essas repetições, pois não existe história que passe boas ideias e advertências de uma geração para outra.

A história técnica dos últimos 50 anos nunca foi bem registrada, e muito menos estudada ou analisada. Os erros e acertos de cada ciclo não são capitalizados para nos ajudar no ciclo seguinte. E essa história não se faz apenas com relatos, mas com registros e análises. Mais importante, então, é a contribuição dialética de nossos engenheiros. Eles mesmos precisam ter um claro retrospecto da engenharia na Marinha, livre de ufanismos e de condicionamentos automáticos ao pensamento dominante.

Os anos de 1970 a 1996 foram importantes, mesmo com o colapso ao final desse período. Tentei não deixar sua história em branco, dedicando-me à série “A Busca de Grandeza”, já com sete capítulos escritos e dois publicados. Moveu-me a esperança de contribuir para corretas ações futuras. É provável que outros também venham a escrevê-la, mas superficialmente, sem valor pragmático.

Entre 1996 e 2009, resistindo ao declínio técnico, realizamos a modernização das fragatas classe *Niterói*. Foi um avanço im-

portante e que muito tardava. Tal como nas corvetas classe *Inhaúma* e *Barroso*, inevitavelmente enfrentamos grandes dificuldades técnicas, financeiras, legais, administrativas, contratuais e de participação da tecnologia nacional. Porém essas dificuldades e sua superação permanecem desconhecidas e provavelmente assim ficarão. O mesmo se pode dizer para a Corveta *Barroso*, primeiro não-protótipo nacional

de navio de guerra no período republicano. O ótimo artigo sobre a *Barroso*, do Almirante Tiudorico*, deveria ser aprofundado e expandido. Mais uma vez os erros e acertos de um ciclo não serão analisados e capitalizados para melhorar o subsequente.

E o pior é que os ciclos são longos, com alguns anos entre o final de cada um e o início do seguinte. Nesse intervalo, desaparece de cena quase toda uma geração de engenheiros, técnicos e oficiais da Armada em funções de direção. A geração do ciclo seguinte não dispõe do capital técnico-gerencial acumulado no ciclo anterior, quase todo perdido, e tende a enfrentar problemas como se não houvesse precedentes. Como não existe história técnico-gerencial escrita, não se pode conhecê-la e dela tirar proveito. Torna-se difícil avaliar obstáculos e possibilidades.

A história técnica dos últimos 50 anos nunca foi bem registrada e muito menos estudada ou analisada

Entre 1996 e 2009, resistindo ao declínio técnico, modernizamos as fragatas. Tal como nas corvetas, enfrentamos grandes dificuldades técnicas, financeiras, legais, administrativas, contratuais e de participação da tecnologia nacional

* Contra-Almirante (RM1-EN) Tiudorico Leite Barboza. Serviu na Diretoria de Engenharia Naval e no Centro de Projetos Navais. Um dos principais participantes dos projetos das Corvetas Classe *Inhaúma* e *Barroso*.

O rendimento inevitavelmente é baixo, não obstante os melhores esforços.

Não se devem esquecer as relações com o poder político. É ele que dirige e dirigirá no mais alto nível. Mas dirigirá ouvindo os especialistas que, no caso, somos nós. Se não capitalizarmos sistematicamente os conhecimentos técnico-gerenciais obtidos em cada ciclo, argumentação e sugestões que fizermos ao poder político terão pouco valor.

Dada nossa história pacífica, cidadãos civis têm pouca percepção de assuntos militares. Alguns deles recentemente passaram a se interessar por Defesa. É natural que procurem informar-se consultando o que os próprios militares já escreveram e pensam.

O que encontram são considerações político-estratégicas. Logo, dedicam-se também a tais considerações. Assim, o pensamento político-estratégico nacional se expande, mas alheio aos problemas de criação dos meios indispensáveis aos seus propósitos:

desenvolvimento e defesa. Quanto aos meios, supõe-se que periódicas aquisições no exterior bastam para mantermos um poder militar dissuasivo e eficaz, ou que podemos confiar em saltos tecnológicos e expedientes imediatos.

Raramente se analisam as relações recíprocas e cumulativas entre poder militar e desenvolvimento. É verdade que a Estratégia Nacional de Defesa traça grandes linhas para desenvolvimento e Defesa. Mas são apenas grandes linhas. Não tratam de custos e tempos, nem de obstáculos. É necessário ir muito além. Este é um assunto capital para os planos e as esperanças do Brasil de hoje. Mas a análise deste as-

sunto deve ser profunda e frequente, não se limitando a teorias ou generalidades. Tem que apoiar-se em avaliação realista do potencial do País e no estudo de casos cuja história técnico-gerencial esteja bem documentada. Mas essa história não existe. Onde estão as pessoas que a viveram e podem bem escrevê-la?

Portanto, caro amigo, há uma importante lacuna no campo das ideias que cabe aos engenheiros ocupar. Mas é necessário que a ocupem com espírito analítico, conscientes de que contribuem para os grandes rumos do pensamento naval e nacional. Não devem portar-se como simples relatores de fatos. Isso não será fácil. Mas não será impossível.

Pensamentos não fazem Marinhas ou Países. Mas geram ações. Seu efeito é lento. Pode ser quase imperceptível. Mas é poderoso

Pensamentos não fazem rapidamente Marinhas nem Países. Mas geram ações. Seu efeito é lento. Pode ser quase imperceptível. Mas é poderoso. Você, historiador, bem sabe disso.

Para participar e influir no campo das ideias tem-se que dis-

por de veículos apropriados. Nos Estados Unidos há muitos deles, e o principal é o United Naval Institute (USNI) Proceedings, verdadeira voz do complexo industrial-militar norte-americano. Totalmente dedicado à US Navy, Marine Corps e Coast Guard, é jurídica e financeiramente independente. Os autores de seus artigos — militares da ativa e da reserva e engenheiros, cientistas etc. — expressam livremente suas ideias, muitas vezes divergentes das oficiais. Mas sempre as apresentam construtivamente, sem ferir princípios de civilidade, hierarquia e disciplina. A impressão que deixam, mesmo quando críticos, é de reverência e dedicação às Forças Armadas. O USNI nas-

ceu no século XIX, numa sala da Academia Naval de Anápolis, onde alguns oficiais se reuniram para tentar reverter a tendência à manutenção de uma Marinha fraca, coerente com a posição isolacionista dos Estados Unidos de então. Aqueles oficiais pareciam visionários.

Não sei como o Reino Unido (UK), a Alemanha e a França mantêm vivos, praticáveis e atuais seus pensamentos sobre defesa. É claro que esses países têm longas histórias de guerras. Para eles, pensar e agir em termos de Defesa é quase instintivo e funda-se em grande experiência.

Não conheço os veículos que utilizam para divulgar e analisar ideias sobre o tema. Provavelmente essa ação ocorre dentro de seus poderosos complexos industriais-militares.

Temos que pensar e agir. Urge embasar nosso pensamento político-estratégico em realidades técnicas e econômicas ainda pouco analisadas. Precisamos de um veículo para franca exposição e análise de fatos de nossa história técnica

de Defesa nas últimas décadas, relacionando-a com educação, tecnologia, indústria, economia, política, estratégia e desenvolvimento nacional. Onde e como começar?

Estou certo de que a *RMB* é o melhor lugar para iniciar essa ação inestimável. Entre congêneres, ela é que tem a melhor organização, estrutura, tradição e possi-

bilidade de disseminação. Só não possui independência jurídica e financeira.

Serão necessários pequenos ajustes culturais. A MB precisará admitir na *RMB* algumas opiniões respeitadas, mas que não endossem ações oficiais ou até sugiram que

elas se alterem. Os autores deverão manter independência, mas escrever construtiva e respeitosamente para com o governo e reverenciar as Forças Armadas. Um Conselho Editorial poderia ocupar-se dessas questões e diplomaticamente sugerir eventuais mudanças nos textos.

Muitos dirão que tais ajustes não poderão ser feitos porque contrariam nossa cultura. Ora, cultura é essencialmente mutável. Basta comparar o Brasil de hoje com o de algum tempo atrás. O importante é que as mudanças sejam para melhor.

A Marinha do Brasil tem sido precursora de grandes mudanças culturais no País e nas Forças Armadas. Poderá obter mais uma vitória se realizar essa contribuição essencial no campo das ideias

para o desenvolvimento e a defesa nacionais.

Assim como a *RMB* é o melhor veículo para iniciar a ação que propus, você é a pessoa ideal para introduzi-la na Marinha: é engenheiro por formação e experiência; viveu intensamente a história técnica da Marinha das últimas décadas; ampliou e modernizou o campo de ação

Precisamos de veículo para franca exposição e análise de fatos da história técnica de Defesa, relacionando-a com educação, tecnologia, indústria, economia, política, estratégia e desenvolvimento nacional

A Marinha do Brasil tem sido precursora de nossas grandes mudanças culturais. Poderá obter mais uma vitória se realizar essa contribuição no campo das ideias

da Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha, intensificando seu relacionamento com o meio civil; tem naturais dotes diplomáticos e merecidamente conquistou a confiança da Administração Naval.

Admiro suas realizações na DPHDM. A mais importante é a formação de crianças e

adolescentes, que também se situa no campo das ideias. Todas as crianças e adolescentes se beneficiarão, e alguns resultados excepcionais aparecerão pouco a pouco. A Pátria ficará agradecida. Creio que boas ideias em adultos podem ter o mesmo efeito.

Do amigo

Elcio de Sá Freitas

📁 CLASSIFICAÇÃO PARA ÍNDICE REMISSIVO:

<ARTES MILITARES>; Pensamento militar; Poder Naval; Academia; Política nacional; Cultura;